



JUVENTUDES EVANGÉLICAS: POSSIBILIDADES DE PESQUISAR EM EDUCAÇÃO

Daniela Medeiros de Azevedo (PPGEDU/UFRGS)¹

Elisabete Maria Garbin (PPGEDU/UFRGS)²

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar a constituição de juventudes evangélicas na contemporaneidade, tema de doutoramento no campo educacional. Alinha-se aos referenciais dos Estudos Culturais em Educação em articulação às contribuições dos estudos sobre juventudes e da etnografia. Tais discussões permitem inferir que a categorização de sujeito-jovem é constituída contingencialmente, vindo a diferir-se de jovens, uma categoria empírica presente em todas as formações sociais. Considera que as pesquisas sobre juventudes tornam-se importantes no cenário contemporâneo diante da variabilidade de possibilidades de se produzirem subjetividades em um contexto globalizado e de rápidas transformações, em que se visibilizam múltiplas formas de ‘ser’ ou ‘estar’ jovem. A este respeito, o estudo opera com o conceito de juventudes – no plural –, buscando analisar em que condições se constituem juventudes evangélicas em âmbitos marcados pela forte ênfase na cultura bíblica, através da observação participante realizada nos espaços de estudos bíblicos de jovens assembleianos em Novo Hamburgo - RS. A pertinência da pesquisa se justifica pela produtividade de pesquisar em Educação a constituição de juventudes evangélicas em espaços não escolarizados, permitindo criar compreensões sobre esses sujeitos que têm visibilidade não apenas nos bancos escolares, mas no cenário contemporâneo. Em suma, trata-se de um tema que assume relevância de estudo diante do imenso crescimento tanto da população evangélica quanto do seu promissor mercado cultural, os quais criam uma série de investimentos sobre os jovens a fim de interpelá-los em seus discursos.

Palavras-chave: Estudos Culturais em Educação. Juventudes. Religião.

JUVENTUDES E RELIGIÃO: DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A pesquisa alinha-se as discussões produzidas nos Estudos Culturais em Educação e as contribuições dos estudos sobre juventudes e da etnografia, que permitem compreender o

¹ Doutoranda na L.P Estudos Culturais em Educação, vinculada ao Projeto de Pesquisa *Culturas Juvenis em Porto Alegre: cenários de múltiplos desordenamentos*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Elisabete Maria Garbin.

² Doutora em Educação, Professora da Faculdade de Educação e do Programa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande dos Sul. Coordenadora do Projeto de Pesquisa *Culturas Juvenis em Porto Alegre: cenários de múltiplos desordenamentos*.



sujeito não como algo natural, uma entidade anterior e acima de sua historicidade, mas contingencialmente construído. Assim, em nossos estudos diferenciamos jovens, categoria empírica presente em diferentes formações sociais, de sujeitos-jovens ou juventude, uma categorização de sujeito constituída a partir de determinadas contingências históricas, econômicas, sociais e culturais.

Como sabemos, infância e juventude durante muito tempo possuíam limites borrosos, muitas vezes marcados pelos ciclos vitais. Somente com a crescente racionalização dos modos de governar tomando como instrumento a educação se produz condições para separação das noções de infância e juventude, sobretudo a partir da paulatina separação de classes de alunos presentes na construção da escola moderna. Imbricado as novas formas de pensar da época, a busca de constituição dos sujeitos juvenis também passava pelo fórum religioso, o qual lançou mão de uma série de estratégias para este fim, e que excetuando especificidades, também estava articulado às concepções que se formavam junto ao Estado Moderno.

Apesar do papel fundamental da escola na educação dos sujeitos a nova ordem, seu desenvolvimento esteve atrelado ao trabalho de crianças e jovens durante a industrialização. As profundas transformações ocorridas nos diferentes âmbitos, com maior ênfase a partir do pós-guerra permitiram a emergência da juventude. Conforme Saintout (2007), a juventude começou a ser pensada como um momento de espera, como moratória, no momento em que a concepção de progresso tornou-se o marco de um projeto unificador da vida com o desenvolvimento da sociedade de classe industrial.

Reguillo (2003) destaca três aspectos que permitiram a invenção da juventude. Em primeira análise, a relação do crescimento populacional com a necessidade de restabelecer o equilíbrio entre emprego e produção, criando um período de espera para o ingresso ao mundo do trabalho, através da escola, como uma etapa de instrução. Outro aspecto se refere à universalização dos direitos humanos para evitar que se repetissem os eventos da Segunda Guerra, implicando a legitimação dos direitos dos jovens que passam a ser amparados pelo Estado. Em última análise, considera que a emergência da juventude no período pós-guerra ocorre concomitantemente ao advento da indústria cultural que passa a interpelar os jovens como sujeitos de consumo. Salientamos ainda que distintas condições e experiências perpassam o cotidiano dos jovens, desafiando a pensar diferentes modos de viver este tempo de espera, em diferentes juventudes que se produzem, sobretudo em tempos de rearticulação da racionalidade liberal ao neoliberalismo.

Assim, ao pensarmos a respeito da condição da juventude, parece consenso a dificuldade de concebê-la de modo singular, sobretudo diante das intensas mudanças ocorridas a partir do período pós-(segunda) guerra e da popularização das novas tecnologias, dando visibilidade a múltiplas possibilidades culturais que tomaram a cena e a diversas possibilidades de ‘ser’ e ‘estar’ jovem que vem desafiando as sólidas instituições construídas na Modernidade, a exemplo da maquinaria escolar.

Imbricada às condições que permitem emergir múltiplas juventudes, temos que considerar ainda o aumento significativo do segmento jovem, oriundo da alta taxa de natalidade ocorrida na década de 80, a chamada *onda jovem*,³ inserindo o tema juventude como foco de investimentos e discursos no âmbito acadêmico, político e midiático. A este respeito, corroboramos a arguição de Andrade (2008) ao defender que haja uma profusão discursiva em torno da questão juventude, criando noções muitas vezes ambíguas sobre o assunto.

No âmbito acadêmico, a análise de Spósito (2002) sobre as teses e dissertações produzidas entre 1980 e 1998 no país tem sido recorrentemente fonte de citações de estudos sobre o tema, concluindo que, apesar das crescentes pesquisas envolvendo juventude, carecem pesquisas que a desdobrem em outras questões. A autora aponta a preeminência de discussões sobre as relações dos jovens com a escolaridade e com o mundo do trabalho, sendo ainda pouco exploradas pesquisas acerca da condição juvenil na sociedade brasileira, marcada pela pluralidade (SPÓSITO, 2002).

Spósito (2009) também coordenou um estudo sobre o estado da arte na pós-graduação brasileira, realizando um balanço sobre pesquisas discentes de pós-graduação nas áreas da Educação, Serviço Social e Ciências Sociais no período de 1999 a 2006. O estudo inventariou 823 dissertações e 148 teses defendidas na área da Educação no período, inferindo que a maioria das produções volta-se para as trajetórias escolares, tanto da educação básica como universitária, diferindo-se das observações do último Estado da Arte apenas por centrar-se, desta vez, na vida escolar e não no mundo do trabalho e da escola (SPÓSITO, 2002). Também

³ Conforme os dados censitários do IBGE, o segmento jovem, compreendido com idades entre 15 e 29 anos cresceu significativamente, passando dos 8,2 milhões computados em 1940 para 18,5 milhões 30 anos depois. Entre os anos de 1991 e 1996, os respectivos censos populacionais enumeraram 28,6 e 31,1 milhões de jovens. Em 2010, o segmento entre 15 e 29 anos corresponde a 13,3% da população, totalizando 25,6 milhões de jovens, decréscimo deste grupo já previsto na projeção da população brasileira publicados em 1999 (IBGE, 2010). Esclareço que os parâmetros de idade adotados pelo IBGE não são consensuais, há outras definições, como a adotada pelas Nações Unidas desde 1985, no chamado “Ano Internacional da Juventude”, cujo segmento abrange entre 15 e 24 anos (ANDRADE, 2008). Embora tais definições etárias sejam importantes para pesquisa, planejamento e execução de políticas públicas, não apresentam suma relevância no presente estudo.

permite concluir que, apesar do crescimento em estudos que articulem jovens e religião, apenas 17 estudos foram inventariados.

Ainda que a religião venha assumindo visibilidade na contemporaneidade, considerando o expressivo e acelerado aumento no número de fiéis evangélicos, a inserção política e midiática de algumas denominações e as significativas mudanças geradas no campo religioso, ainda carecem estudos que articulem as temáticas juventudes e religião, sobretudo na área da Educação.⁴

Consideramos produtivo ao campo educacional propor aproximações sobre esses sujeitos que se inserem de modo crescente nos bancos escolares, suscitando uma série de questionamentos sobre: Quem são? Que marcas, signos, metáforas inscrevem? – conforme problematiza Garbin (2006) a respeito de quem são esses jovens do século XXI. Parece-nos pertinente ainda indagarmos sobre tais questões que perpassam a condição juvenil imbricadas no âmbito religioso e que também se inserem aos espaços escolares, muitas vezes marcados pelos distanciamentos culturais.

O presente texto objetiva analisar a constituição de juventudes evangélicas na contemporaneidade, sobretudo em religiões de forte ênfase na cultura bíblica. O *corpus* analítico compõe-se da tessitura de importantes estudos sobre o tema, articulando a contribuições da pesquisa de doutorado que vem sendo realizada junto a jovens em espaços religiosos da Igreja Assembléia de Deus no município de Novo Hamburgo – RS.⁵

⁴ Segundo o Censo do IBGE dos anos de 1991 e 2000, houve um aumento no número de evangélicos de 80% em todo o Brasil, comparando-se com os dados de 1991, em que 8,5% da população se definia como evangélica, e chegando a 15,4% em 2000. Os mesmos dados comparativos no Rio Grande do Sul revelam uma comunidade evangélica de 10,8% em 1991 e de 13% em 2000, representando um aumento de 20,4%. Recentemente, o Jornal Zero Hora veiculou o estudo sobre o cristianismo realizado pelo Centro de Pesquisas Pew dos Estados Unidos, o qual infere que o avanço das igrejas pentecostais e neopentecostais no Brasil tomou tal proporção que alterou a face do catolicismo no país, como destaca ao mensurar que metade destes católicos identifica-se ao movimento carismático, imbricando determinadas práticas pentecostais como a cura divina à crença (Zero Hora, 23/01/2012). Ressalto que os estudos a este respeito realizados no Brasil, vêm apontando este fenômeno como *pentecostalização* (MARIANO, 2001). O crescimento evangélico toma visibilidade diante do aumento de fiéis e de uma série de investimentos a que se articula o que pode ser entendido como um fenômeno social que vem produzindo um promissor mercado cultural. Embora não haja números exatos, estima-se que somente o mercado literário evangélico apresente uma vendagem de aproximadamente 15 milhões de exemplares de Bíblias, livros e demais publicações, tendo um faturamento anual de 300 milhões de reais (R\$ 300.000.000,00), conforme matéria da revista Veja de 3 de julho de 2003, comentada por Lewgoy (2004).

⁵ Para maiores esclarecimentos sobre o campo evangélico, aproximações e diferenciações denominacionais, ver Azevedo (2012).

CULTURAS JUVENIS EVANGÉLICAS: ESTILOS, MARCAS E *LUGARIZAÇÕES*

A condição de *ser jovem* imbrica-se a uma multiplicidade de possibilidades que tem em comum a busca constante, mas nunca plena, de pertencimentos, de comunidades de estilos presentes num contexto fluido e em perpétua transformação. Trata-se de formas de pertencimento que buscam sentidos à própria existência, mas que requerem frequentes negociações, em que cada um precisa ser persuadido quanto à relevância do sentimento de pertença para si, já que envolve uma relação entre a busca de segurança e a perda de liberdade (BAUMAN, 2003). Compreendemos que é neste solo movediço que vem se produzindo formas de pertencimento também no âmbito religioso. Na busca de pertença, criam-se laços de similaridade, experiências vivenciadas socialmente, em diferentes estilos, marcas e lugares, são as culturas juvenis.

Garbin (2003; 2006) explica o conceito de *cultura juvenil* a partir de Feixa (1999) considerando que se trata das formas como as experiências dos jovens se expressam coletivamente, através da produção de estilos de vida distintos. São as micro-sociedades: as tribos, as galeras e as agregações em seus diferentes estilos. Oliveira (2006) ressalta que as culturas juvenis se articulam a partir desses estilos que, conforme Garbin (2006), são criados e recriados pelos meios de comunicação massivos e pelo mercado. Feixa (1999) acrescenta que ocorrem, sobretudo, nos espaços intersticiais da vida institucional – fora da família, da escola, do trabalho, da igreja. Os estilos envolvem complexas escolhas do que pode ser entendido como consumo simbólico, cultural, afinal, são construções que envolvem imagens, territórios, objetos, referências, linguagens e práticas (sociais e culturais).

Freire Filho (2007, p. 126) argumenta que somos impelidos a escolher, construir, sustentar, negociar e exibir quem devemos ou parecemos ser, lançando mão de uma imensa variedade de recursos materiais e simbólicos oriundos da seleção, interpretação e disponibilização da publicidade, do marketing, da indústria da beleza, da moda e dos sistemas de comunicação globalizados: “Os estilos de vida constituiriam, em resumo, uma forma por intermédio da qual o pluralismo da identidade na contemporaneidade é administrado pelos indivíduos e organizado (e explorado) pelo comércio”.

Que estilos, escolhas e construções se constroem culturas juvenis evangélicas? Como se relacionam às novas tecnologias digitais que abrem espaço para a intensa interatividade e que possibilitam novas formas de produção em que seus usuários são também produtores, agentes e sujeitos? Como podemos pensar a experiência desses jovens que se produzem em

tempos em que o enlace de imagens associa-se a um intenso impacto de velocidade, oferecido pela cultura imagética, criando montagens e compreensões, a partir do *zapping* – seja na troca de canais ou de forma similar a rápida e constante navegação pelas zonas virtuais da Rede que, numa espécie de *fast-food* de imagens acionadas por um controle remoto ou por um teclado, disponibiliza múltiplas opções de consumo (GARBIN, 2003)?

Garbin (2003) argumenta que os jovens interagem virtualmente, discutindo interesses comuns, constroem laços com amigos virtuais, selecionam amigos para os *chats*, produzem identidades, estilos, pertencimentos e territórios. A rede se torna um lugar aonde se vai e se retorna, como um clube. Um lugar de encontro, de agregação, de busca de similaridades, uma vitrine em que as identidades se exibem e se reinventam, consomem e são consumidas (SILVEIRA, 2006).

No interstício da vida institucional, juventudes evangélicas *navegam* pela rede, muitas vezes, apropriando-se do seu espaço para a evangelização nos *chats*, nos fóruns de debate, nas listas de discussão via e-mail; aprofundam seus conhecimentos teológicos nos *sites* institucionais, pesquisam em textos on-line (como a Bíblia), localizam contatos, atalhos (*links*), copiam arquivos, programas (*download*), ouvem músicas e hinos; consomem produtos das diversas e crescentes páginas de publicidade, livrarias, lojas de discos evangélicos, entre outros; criam suas páginas pessoais, exibem identidades, amigos, comunidades (JUNGBLUT, 2000), que evidentemente não se resumem ao âmbito religioso.

As juventudes se inventam através de discursos e visuais descritos virtualmente, se consomem e consomem ao ‘outro’, afinal, como cita Garbin (2003, p. 15) a partir de Hall (1997): “[...] toda a identidade tem necessidade daquilo que lhe ‘falta’ – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado”. Os jovens evangélicos se apropriam de espaços, nem sempre sancionados, e sobre as marcas da forte ênfase na cultura bíblica, ouvem e falam da *Palavra*: são jovens que ‘navegam’ pela Rede, que se reúnem em corais, formam grupos musicais atravessados pelas marcas religiosas do *gospel*,⁶ inclusive, vindo a imbricá-las a outros gostos, estilos ou movimentos, associados a expressões como *heavy metal*, *rap*, *hip-hop*, *pop*, entre outros.

A articulação entre música e religião esteve presente em diferentes momentos do cristianismo com o intuito de difundir o Evangelho – seja nos rituais sacros do cristianismo antigo, nas diferentes mediações entre texto e música nos hinos do protestantismo, à crescente

⁶*Gospel* significa “Evangelho”. Inicialmente, remete-se as expressões musicais oriundas do pentecostalismo norte-americano. Na época, conhecida como *Evangelistic*, cujo significado similar é “evangelístico”.

popularização da mensagem bíblica.⁷ Entretanto se produz sob novas feições na cena contemporânea, imbricando culturas, estilos e marcas a um amplo mercado *gospel* que não se restringe mais ao segmento evangélico e ao gosto musical, passando a se referir ao estilo de vida no âmbito cultural.

Em sua dissertação de Mestrado, Mendonça (2009) considera que a música *gospel* tem sua origem no movimento pentecostal norte-americano, apresentando também o importante papel de permitir o acesso a Palavra independentemente da capacidade de leitura, produzindo outras relações e experiências com o texto-fonte, imbricando a mensagem às expressões corporais.⁸

A música *gospel* não era restrita ao espaço das igrejas, acompanhava as campanhas evangelísticas que muitas vezes não eram realizadas nos templos. Passou a ser configurada como um segmento do mercado num período em que as rádios e gravadoras seculares produziam um mercado para os seus discos. Conforme Mendonça (2009), a primeira relação da música *gospel* ao mercado remete a Homer Rodeheaver, articulando a música religiosa às músicas popularizadas, também conhecidas como *pop*, no intuito de atrair diferentes públicos, não restritos ao âmbito religioso. Posteriormente, foi tornando-se um negócio rentável e recebendo influências de canções seculares de sucesso, articulando textos religiosos e música secular, como explica Mendonça (2009):

No início dos anos 1980, a música cristã norte-americana experimentava uma nova conjugação de evangelismo e cultura *pop*, quando a CCM (*Christian Contemporary Music*) tornava-se a marca de uma indústria geradora de bilhões de dólares, enquanto estilos musicais *pop* de apelo juvenil – *dance, tecno, hip hop, rap* e, ainda, *acid, hard, punk* e outras variações do rock – recebiam letras de temática religiosa. Cantores de grande sucesso no meio *gospel*, como Amy Grant, Michael W. Smith, Carman e grupos como Petra, superavam o espaço institucional das igrejas e passavam a oferecer “entretenimento cristão”: uma oferta de diversão boa e tranqüila amparada em concertos de gigantesca estrutura de palco, público e publicidade (MENDONÇA, 2009, p. 85).

Sobre a cena *gospel* norte-americana que se difundiu no Brasil ainda na década de 80, Jungblut (2007) considera que, ao mesmo tempo em que se procura atingir o público não

⁷ Para maiores informações sobre a trajetória da música *gospel*, ver Mendonça (2009).

⁸ Trata-se de um período de forte segregação entre negros e brancos, presente também nas igrejas na virada do século XIX para o XX. A música *gospel* surgiu entre o movimento pentecostal negro norte-americano, articulando o texto à musicalidade, recorrentemente versando seu conteúdo à libertação espiritual do pecado e/ou à liberdade civil no contexto da escravidão. Os cultos eram marcados pelo êxtase, pela experiência da glossolalia e por fortes movimentos corporais, como bater palmas, saltar, rolar pelo chão, muitas vezes sendo instrumentalizados e associando-se aos estilos musicais da época: o *jazz* e o *blues* (MENDONÇA, 2009).

evangélico, se busca também renovar o interior do universo cristão, articulando-se e de certa forma se atualizando às estéticas e comportamentos.

A este respeito, Camurça e Umbelino (2008) consideram que algumas denominações têm se ‘flexibilizado’ para incorporar as linguagens dos jovens, possibilitando a inserção de outros estilos dentro da igreja, no caso de suas análises, o *hip hop*⁹ – articulando seu conteúdo de denúncia às situações de injustiça social e racismo no contexto da periferia à mensagem bíblica e aos preceitos éticos e morais cristãos, já que muitas vezes não possuem um caráter denominacional.¹⁰ Assim, em algumas denominações torna-se perceptível a inserção de outros estilos, como explicam: “*os antigos fiéis tiveram então, de passar a se acostumar com um ‘irmão’ vestido com bermudas largas, cabelo black power, correntes e anéis, além – claro – dos indefectíveis tênis coloridos*” (CAMURÇA; UMBELINO, 2008, p. 18-19).

Também nos anos 80, o *rock gospel* e seus diversos subgrupos passam a ter maior visibilidade no país, como explica Jungblut (2007) a partir do seu estudo sobre um destes subgrupos, o denominado *white metal* ou, em outras palavras, o *heavy metal* evangélico (2007, p.147):

Conhecido também por “*christian metal*”, “*unblack metal*” ou, simplesmente, “*metal cristão*”, trata-se de um *rock* geralmente pesado que, visto de fora, em nada difere do seu correspondente mundano, o *heavy metal*. Na verdade, o “*white metal*” é um termo genérico, tal como o “*heavy metal*”, para um conjunto mais amplo de sonoridades de *rock* pesado. Assim, se o *heavy metal* comporta sub-estilos como *death metal*, *black metal*, *trash metal*, *industrial*, *gothic*, *grind*, etc., também o *white metal* comporta os correspondentes evangélicos destes sub-estilos.

A inserção destes estilos nas igrejas, sobretudo através dos jovens, requer frequentes justificativas. A articulação a estes estilos e condutas passa a ser questionada em relação à conduta cristã evangélica desejável, afinal, como afirma Jungblut (2007, p. 148): “*Poucas são as igrejas mais tradicionais que lidam com naturalidade com esses jovens cabeludos,*

⁹ O *hip-hop* é um movimento que traz as marcas da diáspora africana. Inicialmente se expressa na experiência cultural juvenil no final dos anos de 1970, sobretudo entre negros e hispânicos, num contexto de fortes transformações sociais e econômicas em Nova Iorque, inserindo-se rapidamente em diferentes metrópoles mundiais. O movimento traz os seguintes elementos: a arte da dança (conhecida como Break), arte do Grafite (ou Grafitti), a arte da discotecagem (Disk Jockey) e a arte de rimar dos *Masters of Ceremony* (MC), articulando-se em forma de música e criando o *rap* – o que *grosso modo* pode ser entendido como a “voz” do *hip hop* (CAMURÇA; UMBELINO, 2008; DAYRELL, 2005).

¹⁰ A pesquisa sobre o *hip hop gospel* foi realizada na “Igreja de Cristo” em Minas Gerais tendo como foco a juventude negra. Refere-se a dissertação defendida por Umbelino em 2008 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulada “Rappers do Senhor: Hip Hop Gospel como ferramenta de visibilidade para jovens negros pobres e evangélicos”.

esteticamente rebeldes, cheios de tatuagens e piercings.” A dificuldade de aceitação não se refere apenas aos estilos e marcas do *rock*, mas também a sua frequente associação – na concepção de muitos evangélicos – a algo demoníaco, já que alguns grupos no âmbito secular trazem símbolos que remetem ao satanismo.¹¹

Jungblut (2007) infere que estes estilos musicais aparecem muitas vezes associados no que denomina *cena underground cristã* referindo-se aos diversos eventos, espaços e organizações em que os mesmos são celebrados, reunindo um público majoritariamente jovem de diferentes denominações e abrangendo muitos evangélicos que encontram nestes locais ‘refúgio’ para se expressarem na ausência destes espaços sancionados em suas igrejas.

Como analisa Jungblut (2007), assim como diversos grupos evangélicos seguem uma rota de recusa a destradicionalização, procurando distanciar-se da chamada ‘mundanidade’, em outras denominações tem ocorrido a paulatina minimização do tradicional rigorismo puritano e a aproximação à sociedade envolvente, inclusive inserindo-se em inesperados espaços sociais em detrimento ao progresso sectarismo, como a mídia, a política e o *marketing*, e adotando novas estratégias proselitistas, articulado ao concomitante crescimento evangélico.

Jungblut (2007) argumenta que no interior deste ‘quadro emergente’ vem ocorrendo um movimento cultural evangélico direcionado para a juventude, sobretudo nas últimas duas décadas, em que os jovens e seu universo estético e comportamental vêm se tornando um dos principais *fronts* de atuação do conversionismo evangélico. Dessa forma, algumas instituições passam a incluir políticas e espaços destinados aos jovens, bem como organizam ações destinadas ao proselitismo conversionista nas áreas de interesse da juventude, como cita: “*sexualidade, drogas, consumo, esporte, música, internet, educação, estilo de vida urbanos, etc.*” (JUNGBLUT, 2007, p. 145). Nesse contexto, diversas ações são instituídas com grande sucesso através de organizações interdenominacionais e paraeclesiásticas, a exemplo: *Surfistas de Cristo, Atletas de Cristo, a Organização Palavra da Vida* (promotora de acampamentos juvenis) e o evento *Marcha para Jesus* (que reúne anualmente milhões de pessoas no centro de São Paulo).

No âmbito religioso assembleiano, percebemos tensionamentos que não se restringem a questões geracionais, também se referem aos posicionamentos assumidos pela instituição diante desse movimento de ‘captura’ dos jovens mediante a imbricação das interpretações

¹¹ Jungblut (2007) ressalta que é recorrente o exame por parte dos evangélicos para análise dos grupos de *rock* no receio de que alguns destes grupos possam associar-se a música *gospel* somente pelo mercado, passando mensagens não cristãs aos jovens.

bíblicas a linguagem, estilos e marcas juvenis, muitas vezes articulados a mídia e ao consumo. Embora a Assembléia de Deus procure preservar os princípios éticos e morais que vem sendo sua marca desde sua constituição, uma série de deslocamentos podem ser apontados ao que se refere a certa flexibilização diante dos costumes, o que evidentemente não a exime nem das críticas dos segmentos mais conservadores, nem mesmo das inúmeras estratégias construídas por parcelas de jovens para viverem a condição juvenil.

A partir da observação participante nos espaços de educação voltados aos jovens, como os corais, cultos e escolas dominicais, podemos perceber a forte preocupação com a apropriação da Palavra, o que não se restringe aos investimentos da instituição sobre os jovens. Além dos diversos e constantes eventos destinados aos jovens, como cultos, manhãs e tardes de louvores e adorações, retiros, congressos, seminários, há também o forte investimento de cada um sobre si, de suas escolhas para viverem a promessa da salvação. Ainda que possamos sinalizar um deslocamento nas formas de viver essa promessa pela maior ênfase a questões do plano intramundano, como resoluções de problemas do cotidiano, não se trata de uma relação restrita aos jovens, já que as próprias condições de nossa época têm sido marcadas pelo *presenteísmo*.

As narrativas dos jovens nos permitem inferir que o poder de verdade do texto-fonte prepondera, criando formas de compreender o mundo e a si. Porém, outros espaços e investimentos os interpelam, afinal as juventudes – seja *on-line* ou *off-line* – saem dos espaços tutelados das instituições e se apropriam de outros, seja das ruas, da cidade ou daqueles oferecidos pelas novas tecnologias. Criam novas sensibilidades e se produzem com artefatos da fé disponíveis no mercado cultural da moda *gospel* e/ou outros investimentos do mercado global, instaurando outras possibilidades de *ser jovem*, mesmo que provisoriamente. Apropriam-se de determinados espaços onde circulam discursos e se negociam formas de ser/estar, através do processo contínuo em que os jovens se (re) criam constantemente em suas vestimentas, adornos corporais, músicas consumidas, crenças e valores (FEIXA, 1999).

Sobre as múltiplas maneiras de *ser jovem* na contemporaneidade, Oliveira (2006) argumenta que os jovens experimentam a cidade como homens na multidão, inserindo-se num intenso e constante fluxo de pessoas, imagens e informações. As ruas podem se tornar locais de articulação das relações sociais, parte das estratégias de apropriação de espaços, construção de territórios e distinção de culturas juvenis.

Os jovens que se produzem no interior dos discursos religiosos e que compartilham suas experiências nos espaços institucionalizados das igrejas (como os grupos de jovens, as

Escolas Bíblicas Dominicais, os corais, os círculos de oração, os cultos, etc.) experimentam de outras formas a cidade, num panorama variado em que perpassam comportamentos, referências identitárias, linguagens e formas de sociabilidade. Experimentam a cidade imbricando seus estilos e marcas culturais aos espaços e possibilidades da cidade. Assim, os jovens transitam, se apropriam e se constroem, criam estilos, marcas, territorializações de juventudes evangélicas também fora dos espaços institucionais – nos encontros de amigos, nos espaços de lazer, nos shows, na formação de grupos musicais, nas evangelizações pelas ruas da cidade, nos grandes encontros de avivamento de caráter transdenominacional que reúnem jovens de diferentes denominações, cidades e até mesmo países, mostrando o caráter de contiguidade.

Garbin (2006) enriquece a discussão quando analisa os espaços ocupados pelos jovens considerando que há investimento de identidades, ou seja, lugares onde as identidades se constituem em negociação umas com as outras, atravessando distâncias, etnias, em busca do que conceitua *similaridades tribais*. Assim, as *lugarizações* ou as *ilhas urbanas* são “*uma porção culturalizada do espaço, isso é, um espaço ao qual se atribui (culturalmente, ou seja, por meio da prática ou de marcadores culturais) determinados significados que, de certa maneira, acabam conferindo uma identidade a tal espaço*” (VEIGA-NETO, 2006 *apud* GARBIN, 2006, p. 202).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao problematizarmos a constituição de juventudes evangélicas, apropriamo-nos das discussões dos Estudos Culturais em Educação e sua articulação aos estudos sobre juventudes e à etnografia. Tal articulação permite compreender o sujeito-jovem como uma invenção, uma idealização que possui marcas do tempo e espaço em que incidem determinados investimentos sobre os mesmos.

A aproximação de estudos que tematizam juventudes no cenário evangélico contemporâneo à pesquisa etnográfica que vem sendo desenvolvida junto a jovens assembleianos permite-nos inferir que os jovens tem sido alvo de constantes investimentos em diferentes âmbitos sociais, inclusive religiosos. A linguagem, marcas, estilos juvenis imbricados aos meios de comunicação e ao consumo, passam a ser ressignificados junto ao movimento institucional de diversos segmentos religiosos na busca de aproximação desta

importante parcela da população. Ainda que seja possível sinalizar certa 'flexibilização do tradicional rigorismo puritano e articulação junto a diferentes [e inesperados] espaços sociais, como os meios de comunicação, a política e o *marketing*, inclusive permitindo deslocamentos nas estratégias proselitistas, consideramos fundamental ressaltar que cada instituição lida de maneiras diferenciadas nesta relação com a sociedade envolvente.

Consideramos ainda pertinente colocarmos em questão que não se trata de um movimento restrito ao cenário religioso, mas de investimentos de diferentes âmbitos, que tomam os jovens como principal *front* de investimentos, sobremaneira em tempos *juvenilização* – quando 'ser'/'estar'/'parecer' jovem se torna um referencial social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização:** uma abordagem cultural. Porto Alegre, 2008. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2008.

AZEVEDO, Daniela Medeiros de. **A marca da promessa:** culturas juvenis assembleinas. Porto Alegre, 2012. 141 f. Projeto de Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2003.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; UMBELINO, Tamara Lis Reis. **Rappers do Senhor:** o *hip hop gospel* como movimento de afirmação social de segmentos marginalizados da juventude negra em MG. Debates do NER (UFRGS), v. 14, p. 01-23, 2008.

Censo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

DAYRELL, Juarez T. **A Música entra em cena:** o funk e o hip hop na socialização da juventude em Belo Horizonte. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2005.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus:** antropología de la juventud. Barcelona, ES: Ariel, 1999.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2007.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 23, p. 119-135, mai-ago, 2003.

_____. Cenas juvenis em Porto Alegre: “lugarizações”, nomadismos e estilos como marcas identitárias. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Cultura, poder e educação**: um debate sobre Estudos Culturais em educação. Canoas, RS: Editora Ulbra, 2006.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **Nos Chats do Senhor**: um estudo antropológico sobre a presença evangélica no ciberespaço brasileiro. Porto Alegre, RS, 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2000.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo rock sobre a “cena *underground*” dos jovens evangélicos no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, RJ, 27(2), p. 144-162, 2007.

LEWGOY, Bernardo. O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. In: **Ciencias Sociales y religión**. Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur. Porto Alegre, RS, ano 6, n. 6, p. 51-70, out. 2004.

MARIANO, Ricardo. **Análise Sociológica do Crescimento Pentecostal no Brasil**. São Paulo, SP: USP, 2001. 285 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. **O Gospel é Pop**: música e religião na cultura pós-moderna. São Paulo, SP: 2009. 194 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Desigualdade Social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio – breve agenda para la discusión. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, mai./jun./ago. 2003.

SAINTOUT, Florencia. **Jóvenes e incertidumbres Percepciones de un tempo de cambios**: familia, escuela, trabajo y política. 2007. Tese - Programa de Doctorado en Ciencias Sociales, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Sede Académica Argentina, 2007.



SILVEIRA, Rosa Hessel. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (Org.) **Educação e Cultura contemporânea**: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas, RS: Editora da Ulbra, 2006. p. 137-150.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Juventude e escolarização (1980 – 1998)**. Brasília, DF: MEC/Inep/Comped, 2002. Série Estado do Conhecimento, n. 7.

_____. A Pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: Um balanço da produção discente em Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). In: SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009. v. 1.

SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e Políticas Públicas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 16-39, set./out./nov./dez., 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e pós-modernidade: impasses e perspectivas. **Educação On-line** (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, ano 2, n. 2, 2006.